



EM BUSCA DE EQUILÍBRIO: O JAPÃO ENTRE A APROXIMAÇÃO COM A RÚSSIA E A ALIANÇA COM OS EUA

Luiz Miguel Klen Leite

Bacharel em Relações
Internacionais pelo
Centro Universitário La
Salle do Rio de Janeiro

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar como a administração Abe tem conciliado seu objetivo de aproximação com a Rússia e, por outro lado, as demandas de seu principal aliado, os EUA, após a crise na Ucrânia. A deterioração das relações entre Rússia e Ocidente e a consequente aplicação de sanções ao país de Vladimir Putin após a anexação da Crimeia criaram um dilema para o Japão. Engajado na construção de relações mais próximas com seus vizinhos russos desde seu retorno ao posto de Primeiro-Ministro, Shinzo Abe teve de tentar acomodar simultaneamente o interesse nacional japonês e as pressões de seu aliado norte-americano. As causas da aproximação russo-japonesa e o histórico de suas relações bilaterais entre 2012 e 2014 serão exploradas e, em seguida, serão analisadas as medidas implementadas pela diplomacia japonesa após 2014 para manter boas relações com os russos sem, no entanto, prejudicar sua aliança com os norte-americanos.

Palavras-Chave: Shinzo Abe; Japão; Rússia; EUA; Ucrânia

Abstract: The purpose of this article is to analyze how the Abe administration has conciliated its goal of rapprochement with Russia and, on the other hand, the demands of its main ally, the USA, after the crisis in Ukraine. The deterioration of relations between Russia and the West and the consequent application of sanctions to Vladimir Putin's country after the annexation of Crimea created a dilemma to Japan. Engaged in building closer relations with its Russian neighbors since his return to the post of Prime-Minister, Shinzo Abe had to try to simultaneously accommodate both the Japanese national interest and the pressure from its American ally. The causes of the Russo-Japanese rapprochement and their bilateral relations between 2012 and 2014 will be here explored and then the measures implemented by Japanese diplomacy after 2014 to maintain good relations with the Russians without, however, harming its alliance with the Americans will be analyzed.

Keywords: Shinzo Abe; Japan; Russia; USA; Ukraine



1. Introdução

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as relações do Japão com as superpotências que despontaram no cenário internacional ao fim daquele conflito influenciaram em grande medida sua Política Externa. Sob ocupação dos Estados Unidos da América (EUA), o país promulgou sua Constituição Pacifista (1947) e renunciou seu direito à guerra. Além disso, desde a assinatura do Tratado de Segurança Mútua (1951) entre os dois países, relegou sua defesa aos norte-americanos, enquanto se dedicou ao crescimento econômico e manteve um baixo perfil internacional (DOBSON, 2017, p. 205).

As relações com a União Soviética (URSS) se desenvolveram no sentido oposto. À parte a Declaração Conjunta¹ (1956) entre os dois países, nenhum tratado de paz foi assinado até os dias de hoje. Durante a Guerra Fria, o incremento do poder soviético na Ásia foi percebido como ameaça a segurança do Japão e motivou investimentos em suas Forças de Auto-Defesa (LIND, 2016). Além disso, a disputa territorial envolvendo as ilhas Curilas, permanece um obstáculo para a completa normalização das relações russo-japonesas.

Em 2012, o retorno de Shinzo Abe e Vladimir Putin à liderança de seus respectivos países representou um período promissor para as relações bilaterais. Pouco antes de sua reeleição, Putin declarou que os dois países deveriam desenvolver seus laços econômicos e atingir um empate² (*hikiwake*), o que gerou expectativas de que uma resolução quanto a disputa territorial era possível. A partir de 2014, entretanto, o advento da crise na Ucrânia e da anexação da Crimeia resultou em crescentes tensões entre Rússia e o Ocidente. Nesse contexto, o Japão não apenas condenou as ações russas na Europa, como apoiou as outras nações do G7³ na imposição de sanções ao país, fato que impactou negativamente os esforços de aproximação até então implementados.

Tal revés não diminuiu o empenho do Premiê japonês na construção de melhores relações com a Rússia. Recentemente, Abe propôs uma “nova abordagem”⁴ para com seu vizinho, pautada na cooperação em questões estratégicas e econômicas, mesmo enquanto a disputa pelas ilhas Curilas não é resolvida. Mas, apesar do ímpeto do líder japonês em se aproximar do seu vizinho e da manutenção

1 A Declaração Conjunta trata do fim do estado de guerra entre Japão e URSS e o restabelecimento de relações diplomáticas e consulares. Com base nesse documento, a URSS concordava em devolver os territórios de Habomai e Shikotan quando um tratado de paz fosse assinado.

2 Em discurso feito em 2012, Vladimir Putin utilizou o termo “Hikiwake”, retirado do judô e que significa um empate.

3 O “Grupo dos Sete” é composto pelas maiores economias avançadas do mundo, EUA, Canadá, França, Reino Unido, Itália, Alemanha e Japão. Entre 1998 e 2014, a Rússia foi suspensa integrou o grupo, formando o G8. Em 2014, após a anexação da Crimeia, o país foi suspenso do grupo.

4 A “nova abordagem” foi definida como uma aproximação orientada para o futuro e que não se limita a uma forma de pensamento tradicional. Adicionalmente, um plano econômico de 8 pontos foi divulgado a fim de desenvolver a cooperação econômica russo-japonesa, com foco nas áreas de energia, transportes, agricultura, tecnologia, saúde, infraestrutura, cultura e negócios.

de suas boas relações com o Presidente russo, a resolução da mencionada disputa territorial parece uma possibilidade remota atualmente (WALKER, 2017, p. 2-3).

Enquanto a administração Abe entende que a aproximação com a Rússia é de fundamental importância para a segurança de seu país e, portanto, do interesse nacional japonês, o engajamento em relação à Rússia gerou severas críticas por parte dos EUA, que almejam responder a anexação da Crimeia e a postura não cooperativa russa no conflito sírio (ROZMAN, 2016b, p. 4). Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar como a diplomacia japonesa tem buscado conciliar seu objetivo de aproximação com a Rússia com as demandas de seu aliado americano.

A perspectiva do Japão será usada como fio condutor desse trabalho. A delimitação temporal do artigo vai de 2012 até os dias atuais, escolhida por coincidir com o segundo mandato de Shinzo Abe. Desde sua reeleição, Abe se engajou na aproximação com a Rússia, fator que, somado as suas boas relações com o Presidente russo, produziram uma mudança qualitativa nas conversações bilaterais entre os dois países (WALKER, 2017, p. 1-4).

As duas primeiras seções abordam as causas da aproximação entre Japão e Rússia e as relações entre os dois países entre 2012 e 2014, respectivamente. A terceira seção trata de como a diplomacia japonesa buscou equilibrar, por um lado, seu objetivo nacional de aproximação com os russos e, por outro lado, as demandas dos EUA após a crise na Ucrânia. Na última seção, serão apresentadas as considerações finais.

2. Causas da aproximação entre Rússia e Japão

Conforme Brown (2016), a importância da aproximação do Japão com o país de Vladimir Putin se deu por dois principais fatores: i) o esforço da diplomacia japonesa para contrabalançar o crescente poder chinês na região e; ii) a determinação do atual mandatário japonês em resolver a contenda territorial sobre as ilhas Curilas antes do fim de sua administração (BROWN, 2016).

A ascensão chinesa desempenhou papel central nas tentativas japonesas para se aproximar da Rússia. A disputa sino-japonesa em torno das ilhas Senkaku/Diaoyu se acirrou desde 2010 e, em 2013, o governo chinês declarou de forma unilateral a criação de uma Zona de Identificação de Defesa Aérea⁵ na região. Em 2015, aeronaves chinesas se aproximaram do espaço aéreo japonês 570 vezes (ECONOMY; KURLANTZICK; BLACKWILL, 2017). No mesmo ano, a China investiu US\$ 215 bilhões em suas Forças Armadas, ou seja, o segundo maior orçamento militar do mundo, atrás apenas dos EUA (SIPRI, 2016).

5 “Área do espaço aéreo sobre terra ou água, dentro da qual a pronta identificação, a posição e o controle da aeronave são requeridas no interesse da segurança nacional.” (AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL, 2018).

De acordo com Izumikawa (2016), a assertividade chinesa tem influenciado a política do Japão para a Rússia de duas formas:

Primeiro, considerações sobre balança de poder inclinam Tóquio para a Rússia, cada vez mais como um potencial contrapeso vis-à-vis a China. Isso não significa que Tóquio espera formar uma coalizão anti-China com a Rússia; o que isso significa é que o Japão espera que melhores relações entre Moscou e Tóquio possam ter um efeito restritivo na postura chinesa, ou ao menos que Tóquio precisa prevenir que Moscou se torne um aliado muito próximo da China. Segundo, o impacto das cada vez mais assertivas atividades marítimas chinesas leva a política de segurança do Japão a olhar mais para o Sul, tornando desejável estabilizar o ambiente de segurança no Norte por meio de melhores relações com a Rússia (IZUMIKAWA, 2016, p. 62, tradução nossa)⁶.

Por sua vez, Taniguchi (2016) corrobora esse ponto observando que atualmente as Forças de Auto-Defesa do Japão têm que dividir sua atenção e recursos ao norte, onde a Rússia realizou 473 incursões em 2014, e ao sul, onde as tensões com a China têm aumentado desde 2010. Nesse sentido, a resolução da contenda territorial com os russos significaria que o Japão poderia focar suas Forças ao sul (TANIGUCHI, 2016, p. 43).

No entanto, a questão da contenda territorial sobre as ilhas Curilas tem se mostrado de difícil resolução e, apesar do otimismo gerado pelas boas relações entre Shinzo Abe e Vladimir Putin, um acordo não parece provável no curto prazo. As ilhas Curilas formam um arquipélago de 56 ilhas localizadas entre o Mar de Okhotsk e o Oceano Pacífico e que se estendem do Extremo Oriente russo ao território japonês de Hokkaido. A disputa entre russos e japoneses em seus moldes atuais compreende quatro ilhas, Habomai, Shikotan, Kunashir e Iturup, e teve início com a invasão soviética desses territórios em 1945. No mesmo ano, a posse soviética sobre aqueles territórios ficou acertada na Conferência de Yalta (YAHUDA, 2004, p. 17). Em 1951, como parte do Tratado de Paz de São Francisco, os japoneses abriram mão de seus direitos sobre as ilhas Curilas ao Sul. Apesar disso, o Japão argumenta que as ilhas localizadas no extremo sul do arquipélago, Habomai e Shikotan, fazem parte do território japonês de Hokkaido e, portanto, não estão sob jurisdição do referido Tratado. Não obstante, a URSS não assinou o Tratado de São Francisco, de forma que as ilhas nunca foram formalmente reconhecidas como seu território.

Na Declaração Conjunta de 1956, a URSS propôs o retorno de Habomai e Shikotan ao Japão, cuja insistência pelo retorno também das ilhas Kunashir e Iturup impediu a consumação do acordo.

6 “First, balance of power considerations incline Tokyo to Russia, increasingly as a potential counterweight vis-à-vis China. This does not mean that Tokyo is hoping to make an anti-Chinese coalition with Russia; what it means is that Japan expects that better relations between Moscow and Tokyo can have restraining effects on China’s behavior, or at least that Tokyo needs to prevent Moscow from becoming too closely aligned with Beijing. Second, the impact of China’s increasingly assertive maritime activities drives Japan’s security policymakers to look more toward the south, thus making it more desirable to stabilize the security environment in the north by improving relations with Russia.” (IZUMIKAWA, 2016, p. 62).

Nessa época, as ilhas passaram a ser chamadas no Japão de “Territórios do Norte” (JANNUZI, 2016, p. 92). Ao longo do tempo, houve diversas outras tentativas de solucionar a questão, mas a demanda nipônica pelo retorno de quatro ilhas ao invés das duas originalmente oferecidas configurou um obstáculo para qualquer acordo.

Outrossim, se o crescimento chinês fez o Japão buscar uma resolução da contenda territorial ao norte, aumentou para os russos a importância da posse sobre as ilhas em questão (IZUMIKAWA, 2016, p. 63-64). Nesse ensejo, a modernização do arsenal russo e realização de manobras militares nas ilhas Curilas não é direcionada ao Japão, mas a China, cujo interesse no Ártico tem crescido nos últimos anos, e aos EUA, que tem implementado sistemas de defesa antimísseis na Ásia⁷ (PAJON, 2017, p. 11). Não obstante, a ascensão chinesa pode estar simultaneamente induzindo a Rússia a também se aproximar Japão, ainda que o faça de forma cautelosa a fim de não causar prejuízo as suas relações com a China, cujos mercados civil e militar são importantes para os russos (IZUMIKAWA, 2016, p. 63-64). Para os japoneses, a importância de se colocar como um pólo alternativo à China reside na percepção de que os russos prezam pela multipolaridade e estariam propensos a cooperar com outra grande potência asiática além da China (ROZMAN, 2016b, p. 7).

Figura 1 - Região disputada entre russos e japoneses:



Fonte: DEUTSCHE WELLE (2016)

⁷ Em 2017, os EUA posicionaram seu sistema THAAD (Terminal High Altitude Area Defense) na Coreia do Sul. No mesmo ano, Japão acertou a compra do sistema Aegis Ashore que, assim como o THAAD, possui capacidade antimíssil. A instalação de ambos os sistemas na Ásia gerou críticas da Rússia e China.

3. Relações russo-japonesas entre 2012 e 2014

Em 2012, Shinzo Abe e Vladimir Putin retomaram a posição de mandatários de seus respectivos países. Naquele ano, o líder russo indicou sua inclinação para a retomada dos diálogos sobre a questão territorial e a aproximação então iniciada por ambas as partes gerou a percepção de que resolução da disputa territorial poderia ser alcançada e um tratado de paz assinado. Nesse contexto favorável, Abe realizou a primeira visita de um Primeiro-Ministro japonês à Rússia em dez anos.

É importante notar que os japoneses guardavam a expectativa de que um possível acordo territorial seria baseado no modelo “2 + alfa”⁸, que previa a devolução inicial de Habomai e Shikotan somada a alguma concessão adicional após a conclusão de um tratado de paz entre os países. Por sua vez, os russos rejeitam essa solução, indicando a necessidade de criação de um novo modelo para a resolução da contenda (ROZMAN, 2016b, p. 6)

Até março de 2014, Abe se reuniu com Putin cinco vezes, mais do que havia se reunido com qualquer outro líder no período (TIEZZI, 2014). Em 2013 e 2014, foram realizados encontros de tipo 2+2, na qual os Ministros das Relações Exteriores e Ministros da Defesa de ambos os países abordaram temas como pirataria e terrorismo (KASHIN, 2016, p. 88). Naquelas ocasiões, os oficiais japoneses tentaram incluir a ascensão da China entre os tópicos abordados, mas seus pares russos se recusaram a tratar o assunto.

Nesse período, a Rússia também anunciou seu pivô para a Ásia, política por meio da qual almeja desenvolver as regiões da Sibéria e Extremo Oriente do país, dar continuidade as boas relações com a China e construir boas relações com outros países da Ásia-Pacífico (PANOV, 2016, p. 33). À parte a China, os russos veem no Japão um alvo prioritário para a intensificação de suas relações econômicas com países da Ásia, dado o tamanho da economia japonesa, seu nível de desenvolvimento tecnológico e a complementaridade com a economia russa (STRELTSOV, 2016, p. 52). Em 2012, o comércio bilateral russo-japonês alcançou somou US\$ 32 bilhões. No ano seguinte, esse valor atingiu seu recorde histórico, US\$ 34,8 bilhões (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF JAPAN, 2017).

O capital financeiro e tecnológico japonês é bem vindo pelos russos já que contribuiriam para o desenvolvimento do Extremo Oriente do país e diminuiria sua dependência econômica em relação à China. A complementaridade entre os dois países também diz respeito a decisão do Japão em diminuir sua dependência de energia nuclear após o desastre de Fukushima. Nesse sentido, os vastos recursos de gás e petróleo de seu vizinho representariam uma solução (ADAM, 2011, p. 7-8). Ainda do ponto de

8 A ideia de concessão posterior relacionada a “alfa” na proposta do então Presidente russo, Boris Yeltsin de criar uma Zona Econômica Especial Conjunta, e a possibilidade de uma legislação comum sobre as quatro ilhas em disputa. Atualmente a ideia é relacionada as ilhas de Kunashiri e Iturup (TOGO, 2016).

vista econômico, em 2014 ficou acordado a retirada das barreiras para o investimento japonês na Rússia (BLANK, 2014).

4. Em busca de equilíbrio após a crise ucraniana

Para Silbaum (2017), a pressão dos EUA sobre a Política Externa japonesa pode ser observada ao longo das rodadas de sanções aplicadas contra a Rússia desde 2014. Para a autora, em um primeiro momento a influência americana foi feita de forma indireta, por meio de discursos que enfatizavam a importância da aliança entre os dois países para a segurança do Japão. Em um segundo momento, conforme a crise na Ucrânia se agravou e o governo americano julgou as sanções japonesas demasiadamente brandas, uma forma mais direta de pressão foi implementada e altos oficiais da administração de Barack Obama passaram a criticar a postura do governo Abe em relação à Rússia (SILABUM, 2017, p. 20-21).

Em 2014, o então Secretário de Estado Adjunto, Daniel Russel, abordou a resposta japonesa contra a Rússia da seguinte maneira:

O governo japonês claramente reconhece que a unidade na comunidade internacional será, em última medida, um dos fatores que convencerá a Rússia que ela deve ajustar seu comportamento e cessar a provocação às leis e valores internacionais. Eu tenho um alto grau de confiança que o governo japonês também reconhece que a unidade nessa questão também tem implicações significativas para a região da Ásia-Pacífico. Há abundantes analogias que podem ser feitas entre o comportamento da Rússia e as ameaças à soberania e integridade territorial muito próximas ao Japão. Essa lição não se perdeu no governo japonês, e nós contamos com eles (THE ASAHI SHIMBUN apud JANNUZI, 2016, p. 94, tradução nossa)⁹.

Para Jannuzi (2016), é possível interpretar a declaração de Russel como uma demanda para o que os japoneses cooperassem com os EUA e a União Europeia (UE) em relação as sanções, vinculando a cooperação japonesa à disposição americana de contrapor as ameaças chinesas que afetam diretamente o Japão (JANNUZI, 2016, p. 95).

Dada a crescente percepção de ameaça vinda da China e da Coreia do Norte, o governo japonês via como fundamental a manutenção de relações próximas com seu aliado mais tradicional. Nesse contexto, quando da aplicação das duas primeiras rodadas de sanções, a diplomacia do Japão se alinhou com as demandas de seu aliado norte-americano e se juntou as outras nações do G7 na aplicação de sanções contra à Rússia (SILABUM, 2017, p. 20-21).

9 “The Japanese government clearly recognizes that the unity in the international community will ultimately be one of the factors that convinces Russia that it must adjust its behavior and stop the challenge to international law and values. I have a high degree of confidence that the Japanese government also recognizes that unity in this issue also has significant implications for the Asia-Pacific region. There are abundant analogies that can be drawn between Russia’s behavior and the threats to sovereignty and territorial integrity, much closer to home for Japan. That lesson has not been lost on the Japanese government, and we’re counting on them.” (THE ASAHI SHIMBUN apud JANNUZI, 2016, p. 94).

Não obstante, conforme mais uma rodada de punições foi implementada – a terceira até então – apesar do Japão ter mantido a unidade com os países do G7, ficou evidente que sua resposta sempre foi mais tardia e de menor escala se comparada aos outros países do grupo. Além disso, apesar de ter se submetido as demandas de seu aliado americano, o país não abandonou seu objetivo de aproximação com a Rússia. Nesse sentido, é possível identificar uma postura proativa em sua Política Externa (SILABUM, 2017, p. 27-29).

É preciso ressaltar que as sanções implementadas pelo Japão foram em sua maioria simbólicas e não tiveram impacto real nas relações comerciais entre os dois países (PAJON, 2017, p. 8). Sobre isso, Silabum aponta que:

Não obstante, Abe não pretendia prejudicar a crescente relação com Putin, a qual estava ilustrada na extensão das sanções japonesas contra a Rússia. Para manter a porta diplomática com Moscou aberta, Abe evitou críticas abertas as ações de Putin, além disso, a resposta japonesa à anexação da Crimeia foi a mais moderada entre todos os membros do G7. Ao contrário das sanções americanas e europeias, que miravam a cooperação diplomática e econômica com a Rússia, as sanções japonesas nem causaram danos a economia russa nem afetaram suficientemente as relações russo-japonesas. A intenção de Abe era de enviar um sinal de que o Japão apoia os EUA contra a anexação ilegal da Crimeia, mas sem criar qualquer complicação séria para o futuro das relações russo-japonesas. Ao fazer isso, o Japão alcançou três objetivos: primeiro, apoiou sua aliança com os EUA, segundo, manteve sua imagem internacional de defensor da democracia, terceiro, sanções modestas permitiram ao Japão manter o diálogo diplomático com a Rússia (SILABUM, 2017, p. 21-22, tradução nossa)¹⁰.

As sanções foram explicadas pelos japoneses aos seus pares russos como sendo mínimas e feitas sob pressão dos EUA. Mesmo com o avanço das tensões na Ucrânia e a aplicação da terceira rodada de sanções, a resposta japonesa continuou superficial, sem impactos para a economia russa, principalmente se comparada as punições impostas pelos EUA e UE à Rússia (ROZMAN, 2016a).

Uma das medidas implementadas pela administração Abe quando da aplicação da segunda rodada de sanções foi a restrição da emissão de vistos para 23 indivíduos russos, sem que, no entanto, seus ativos no Japão fossem congelados. Em comparação, os EUA implementaram punições contra 55 organizações e 104 cidadãos russos; a UE, por sua vez, aplicou sanções contra mais de 140 indivíduos e 37 organizações da Rússia. Por outro lado, durante a terceira rodada de punições, o Japão suspendeu a exportação de armas ao país vizinho. Porém, essa medida não teve consequências práticas, já que o

10 “Nevertheless, Abe did not intend to damage the growing relationship with Putin, which was illustrated in the extent of Japanese sanctions against Russia. To keep the diplomatic door with Moscow open, Abe avoided direct criticism of Putin’s actions, moreover the Japanese response to annexation of Crimea was the mildest among all G7 members. Unlike the US and EU sanctions that targeted diplomatic and economic cooperation with Russia, Japanese sanctions neither caused harm to Russian economy, nor did they sufficiently damage Japan-Russia relations. Abe’s intention was to send a signal that Japan stands with the United States against illegal annexation of Crimea, yet creating no serious complications for the future of Japan-Russia relations. By doing so Japan reached three goals: firstly, Japan supported its alliance with the United States, secondly, it kept its international image of democracy advocate, thirdly, mild sanctions allowed Japan to keep the diplomatic dialogue with Russia” (SILABUM, 2016, p. 21-22).

Japão não exporta qualquer material bélico para a Rússia (SILBAUM, 2017, p. 27).

Por outro lado, Smith (2014) nota que havia no Japão a preocupação de que a crise na Ucrânia e a anexação da Crimeia poderiam estabelecer um precedente com base no qual disputas territoriais seriam resolvidas por meio da força, principalmente considerando as tensões entre japoneses e chineses sobre a soberania das ilhas Senkaku/Diaoyu e a assertividade da China quanto a suas demandas territoriais. Sendo assim, o país considerou necessário apoiar a declaração do G7 que condenava a violação da soberania e integridade territorial da Ucrânia. Porém, em seu esforço para não prejudicar suas relações com a Rússia, o Japão evitou críticas diretas àquele país em sua declaração oficial sobre o conflito ucraniano. No mesmo ensejo, o então Ministro das Relações Exteriores japonês, Fumio Kishida, adotou um tom comedido ao abordar a situação em declarações à imprensa. Em uma de suas declarações, por exemplo, Kishida evitou qualquer condenação aos russos, criticando estritamente o uso da força e atribuindo a responsabilidade pela resolução das tensões à todas as partes envolvidas (SMITH, 2014).

Ao aplicar sanções brandas e adotar um tom moderado em declarações oficiais, o objetivo da administração Abe era garantir que as conversações sobre as ilhas Curilas avançassem, assegurar o fornecimento de recursos energéticos russos, bem como articular a contenção da China, vista como o real perigo pelos japoneses. Para Abe, então, a prioridade deveria ser evitar a formação de uma aliança russo-chinesa (ROZMAN, 2016a). Consequentemente, a Rússia fez distinção entre os japoneses e os outros membros do G7, o que significou que o Japão não foi demasiadamente criticado na mídia estatal russa ou por membros do governo (STRELTSOV, 2016, p 53) e seus produtos não sofreram embargo (PAJON, 2017, p. 8).

Em suma, é possível afirmar que o Japão conseguiu agir de forma calculada e independente, mantendo seus fortes laços com seu principal aliado, os EUA, e perseguindo suas próprias preferências de aproximação com a Rússia (SILBAUM, 2017, p. 32).

Ainda assim, é importante notar que houve consequências para as relações russo-japonesas e o Primeiro-Ministro Shinzo Abe retirou seu convite para que Putin visitasse a capital japonesa em 2014. Ademais, oficiais russos adotaram um tom intransigente em relação à questão territorial e o governo russo criticou o Japão pela sua incapacidade de agir de forma independente em relação aos EUA. Na Rússia, a perspectiva de que o Japão não é um ator independente no cenário internacional limita a importância das relações entre os dois países (MILLER, 2017, p. 2; IZUMIKAWA, 2016, p. 66-67). Apesar de terem se mostrado dispostos a cooperar no campo econômico, os russos, numa clara mudança de tom em relação a 2012, deixaram claro que o Japão não deve esperar que tal cooperação se traduza em uma resolução acerca dos territórios disputados. Além disso, a deterioração das relações

russo-ocidentais e o conseqüente isolamento russo serviram para aproximar ainda mais o país da China (BROWN, 2016).

Apesar das críticas feitas perpetradas pelos EUA, de acordo com oficiais japoneses, o Japão tem buscado informar seu aliado de suas intenções e um entendimento mínimo entre as partes foi alcançado, ainda que haja discordâncias de forma geral. Graças a essas conversações e ao fato de o Japão não adotar nenhuma medida considerada inaceitável pelo governo americano, a aproximação russo-japonesa tem ocorrido sem que haja prejuízo para a aliança EUA-Japão (TOGO, 2016).

Sem embargo, o atual Presidente americano, Donald J. Trump, tem defendido a melhora das relações com a Rússia desde que iniciou sua campanha e, depois de ter assumido o cargo, incentivou Abe a continuar buscando a aproximação com o referido país. De fato, a diminuição das tensões entre EUA e Rússia teria impactos positivos nas relações russo-japonesas. Entretanto, mudanças significativas nas relações russo-americanas e, por conseguinte, russo-japonesas não parecem prováveis (MILLER, 2017, p. 4; OSBORNE, 2017; POLLMAN, 2017).

5. Considerações Finais

Durante a Guerra Fria, o poder militar soviético foi uma fonte de preocupação para o Japão e levou o país a assumir maiores responsabilidades no âmbito de sua própria segurança e investir em suas Forças de Auto-Defesa. Atualmente, quase três décadas após o fim da Guerra Fria, a Rússia é vista pela administração de Shinzo Abe como um país importante para a segurança japonesa. Para Abe, a normalização das relações russo-japonesas tem o potencial de evitar uma aliança entre Rússia e China, bem como permitiria ao Japão focar seu aparato militar ao sul, onde as tensões com os chineses têm se intensificado nos últimos anos.

Entretanto, a crise na Ucrânia e o posterior referendo sobre a independência da Crimeia criaram um dilema para o Japão. A administração Abe teve que harmonizar seu compromisso com os EUA e seu interesse nacional em resolver uma contenda territorial de mais de sete décadas e normalizar as relações com um vizinho considerado importante para a segurança de seu país.

Dada a sua dependência em relação aos EUA e a necessidade de manter boas relações com o país, o Japão fez o mínimo necessário para atender as pressões americanas, acomodando as demandas de seu principal aliado para aplicar sanções contra a Rússia e manter a unidade da resposta do G7 contra as ações de Vladimir Putin. Como se buscou mostrar a partir do uso de bibliografia referente ao tema, ao adotar medidas punitivas superficiais, que não causaram impacto significativo à economia russa, os japoneses também perseguiram seu interesse nacional de forma proativa e mantiveram factível a possibilidade de aproximação com seu vizinho. O tom comedido das declarações de oficiais

japoneses à imprensa, nas quais evitaram críticas diretas à Rússia, também pode ser entendido nesse contexto.

É preciso notar, porém, que a acomodação de seu objetivo nacional e das pressões dos EUA não foi livre de problemas e as sanções impostas à Rússia, mesmo que brandas, tiveram impacto nas relações bilaterais. Em contraste com as expectativas que marcaram o período entre 2012 e 2014, a resolução da contenda entre os dois países sobre a posse das ilhas Curilas parece atualmente uma possibilidade remota.

No que tange os EUA, as brandas sanções impostas pelo Japão à Rússia levaram a críticas severas feitas por oficiais americanos a seu aliado asiático e a um grau de divergência inédita desde a Guerra Fria. Não obstante, japoneses e americanos fazem uma análise divergente do atual cenário geopolítico na Ásia. Enquanto os primeiros veem a China como principal fonte de ameaça à sua segurança e consideram ser possível limitar sua proximidade com a Rússia, os americanos são céticos quando a capacidade japonesa de influenciar as relações russo-chinesas e percebem a China como fonte de desafios, mas também de oportunidades para cooperação (ROZMAN, 2016b, p. 12-13). Sem embargo, os EUA continuam engajados na defesa do Japão e, apesar de se manterem céticos quanto a relações russo-japonesas demasiadamente próximas, a aliança entre os dois países continua forte e não foi realmente prejudicada pela aproximação japonesa com a Rússia. A manutenção de diálogos bilaterais sobre a questão tem contribuído nesse sentido.

Por outro lado, em que pese as relações com a Rússia não mais serem tão positivas quanto no biênio 2012-2014, o Japão foi bem sucedido em preservar a possibilidade de diálogo e aproximação. Em 2016, no que foi seu décimo oitavo encontro com o Presidente russo, Shinzo Abe se mostrou otimista quanto a evolução das relações bilaterais e anunciou sua “nova abordagem” em relação à Rússia, segundo a qual a cooperação entre os dois países não teria mais a disputa territorial como ponto inicial das discussões. Entretanto, conforme aponta Brown (2016), é improvável que a contenda sobre as ilhas Curilas seja posta completamente de lado e o objetivo japonês é lançar mão das relações econômicas para criar um ambiente favorável as negociações territoriais.

Referências Bibliográficas

- ADAM, Gabriel Pessin. *As relações Russo-Japonesas no início do século XXI*. In: ENCONTRO NACIONAL ABRI, 3., 2011, São Paulo. *Proceedings...* São Paulo: ABRI, 2011. p. 2-17. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/enabri/n3v2/a15.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2018.
- AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL. *Anacpédia*. 2018. Disponível em: <http://www2.anac.gov.br/anacpedia/por_por/tr2644.htm>. Acesso em: 05 jan. 2018.
- BROWN, James D.J. *Japan's 'New Approach' to Russia*. 2016. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2016/06/japans-new-approach-to-russia/>>. Acesso em: 04 jan. 2018.
- DEUTSCHE WELLE (Alemanha). *A solution to the Kuril Islands dispute?* 2016. Disponível em: <<http://www.dw.com/en/a-solution-to-the-kuril-islands-dispute/a-36624291>>. Acesso em: 04 jan. 2016.
- DOBSON, Hugo. *Is Japan Really Back? The "Abe Doctrine" and Global Governance*. *Journal Of Contemporary Asia*, [s.l.], v. 47, n. 2, p.199-224, 2 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00472336.2016.1257044>>. Acesso em: 02 jan. 2018.
- ECONOMY, Elizabeth C.; KURLANTZICK, Joshua; BLACKWILL, Robert D. *Territorial Disputes in South China Sea*. Council on Foreign Relations. Mai. 2016. Disponível em: <<https://www.cfr.org/global/global-conflict-tracker/p32137#!/conflict/territorial-disputes-in-the-south-china-sea>>. Acesso em: 16 maio 2017.
- IZUMIKAWA, Yasuhiro. *Japan's Approach to Russia under Shinzo Abe: A Strategic Perspective*. In: ROZMAN, Gilbert (Ed.). *Japan-Russia Relations Implications for the U.S.-Japan Alliance*. Washington, DC: Sasakawa Peace Foundation USA, 2016b. p. 61-69.
- JAPÃO. MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. *Diplomatic Bluebook 2017*. Tóquio, 2017. 391 p.
- JANNUZI, Frank. *Japan-Russia Relations through the Lens of the U.S.-Japan Alliance*. In: ROZMAN, Gilbert (Ed.). *Japan-Russia Relations Implications for the U.S.-Japan Alliance*. Washington, DC: Sasakawa Peace Foundation USA, 2016b. p. 89-97.
- LIND, Jennifer. *Japan's Security Evolution*. Policy Analysis. n. 788, 2016, p. 1-9. Disponível em: <<https://object.cato.org/sites/cato.org/files/pubs/pdf/pa-788.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2018.
- MILLER, Chris. *Japan–Russia Relations: The View from Moscow*. 2017. Disponível em: <<http://www.gmfus.org/publications/japan–russia-relations-view-moscow>>. Acesso em: 04 jan. 2018.
- OSBORNE, Samuel. *Japanese Prime Minister Shinzo Abe says Donald Trump encouraged him to improve relations with Vladimir Putin*. 2017. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/japan-prime-minister-shinzo-abe-donald-trump-p-improve-russia-relations-valdimir-putin-us-president-a7579166.html>>. Acesso em: 06 jan. 2018.
- PAJON, Cèline. *Japan-Russia: The Limits of a Strategic Rapprochement*. *Russie.Nie.Visions*. n. 72, p. 1-21, 2017.
- POLLMANN, Mina. *What's New in Japan- Russia Relations?* 2017. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2017/05/whats-new-in-japan-russia-relations/>>. Acesso em: 06 jan. 2018.
- ROZMAN, Gilbert. *The Japan-US-Russia Triangle in 2016*. 2016a. Disponível em: <<http://www.theasanforum.org/the-japan-us-russia-triangle-in-2016/>>. Acesso em: 03 jan. 2018.
- ROZMAN, Gilbert. *Introduction*. In: ROZMAN, Gilbert (Ed.). *Japan-Russia Relations Implications for the U.S.-Japan Alliance*. Washington, DC: Sasakawa Peace Foundation USA, 2016b. p. 1-14.

- SILBAUM, Viktoria. *US Pressure on Japan-Russia Relations in the light of the Ukrainian Crisis*. Leiden: Leiden University, 2017. 42 p.
- SMITH, Sheila. *Japan's Painful Choice On The Ukraine Crisis*. 2014. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/sheilaasmith/2014/03/05/japans-painful-choice-on-the-ukraine-crisis/#44a7d4181fla>>. Acesso em: 06 jan. 2018.
- STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. *Trends in World Military Expenditure, 2016*. Estocolmo, 2017. Disponível em: <<https://www.sipri.org/sites/default/files/Trends-world-military-expenditure-2016.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2018.
- STRELTSOV, Dmitry. *Russia's Approach to Japan under Vladimir Putin: A Strategic Perspective*. In: ROZMAN, Gilbert (Ed.). *Japan-Russia Relations Implications for the U.S.-Japan Alliance*. Washington, DC: Sasakawa Peace Foundation USA, 2016b. p. 51-60.
- TANIGUCHI, Tomohiko. *A Once in Sixty-Year Opportunity? Shinzo Abe's Approach to Vladimir Putin*. In: ROZMAN, Gilbert (Ed.). *Japan-Russia Relations Implications for the U.S.-Japan Alliance*. Washington, DC: Sasakawa Peace Foundation USA, 2016b. p. 41-48.
- TIEZZI, Shannon. *Between a Rock and a Hard Place: Japan's Ukraine Dilemma*. 2014. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2014/03/between-a-rock-and-a-hard-place-japans-ukraine-dilemma/>>. Acesso em: 05 jan. 2018.
- TOGO, Kazuhiko. *Positive Scenario I*. 2016. Disponível em: <http://www.theasanforum.org/category/alternative-scenarios/?post_id=7803>. Acesso em: 06 jan. 2018.
- WALKER, Joshua W. *Russia-Japan Relations in the Era of Trump*. 2017. Disponível em: <<http://www.gmfus.org/publications/russia-japan-relations-era-trump>>. Acesso em: 03 jan. 2018.
- YAHUDA, Michael. *The International Politics of the Asia-Pacific*. 2 ed. New York: Routledgecurzon, 2004. 294 p.

